

SERÁ O ESTILO DE VINCULAÇÃO ESPECÍFICO PARA CADA RELAÇÃO? UM ESTUDO UTILIZANDO A TEORIA DA GENERALIZABILIDADE

João M. Moreira¹

Resumo: O pressuposto de que o estilo de vinculação nos adultos é uma característica da pessoa, igualmente expressa em diferentes relações, foi examinado através de um estudo de generalizabilidade. Estudantes universitários responderam a um curto questionário medindo as 2 dimensões fundamentais das auto-avaliações do estilo de vinculação dos adultos (*Preocupação e Evitação*) para cada uma de 5 relações (pai, mãe, melhor amigo do mesmo sexo, parceiro romântico ou melhor amigo do sexo oposto, outra pessoa próxima). Verificou-se que, para a *Evitação*, o componente de variância correspondente à interação *Pessoa × Relação* tinha uma magnitude que era aproximadamente o dobro da do componente *Pessoa*, enquanto que o oposto acontecia para a *Preocupação*. Estes resultados implicam a necessidade de se considerar características específicas das relações e apoiam a proposta de Bartholomew (1990), de que a evitação reflecte a representação dos outros (e é, portanto, específica das relações), enquanto que a preocupação reflecte a representação de si próprio (e é, portanto, específica da pessoa).

Palavras-chave: vinculação, relações, generalizabilidade

Is attachment style relationship-specific? A generalizability study (Abstract): The assumption that adult attachment style is a person-specific characteristic exhibited across different relationships was examined in a generalizability study. College students responded to a brief measure of the 2 fundamental dimensions of adult attachment style self-ratings (*Preoccupation and Avoidance*) for each of 5 dif-

¹ Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa. Partes de versões anteriores deste trabalho foram apresentadas na Pré-Conferência para Jovens Investigadores da International Network on Personal Relationships, Oxford, Ohio, EUA, em Junho de 1997, e na European Conference on Psychological Assessment, Lisboa, Setembro de 1997. Agradeço a preciosa ajuda dos meus colegas Paulo Ventura, Luísa Lima, Sílvia Silva e Susana Tavares, na recolha de dados. Quero também dar o devido reconhecimento às minhas antigas estudantes Ana Luísa Duarte e Sónia Comenda, pela sua colaboração nas fases iniciais deste projecto. A correspondência referente a este artigo deve ser enviada para João M. Moreira, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Alameda da Universidade, 1649-013 Lisboa, Portugal. Correio electrónico pode ser enviado para jmoreira@fpce.ul.pt.

ferent relationships (mother, father, best friend of the same gender, romantic partner or best friend of the opposite gender, other close person). It was found that, for *Avoidance*, the *Person* × *Relationship* interaction variance component was approximately twice as large as that for *Person*, while the opposite happened for *Preoccupation*. These results imply the need to consider specific relationship characteristics, and support Bartholomew's (1990) proposal that avoidance reflects the representation of others (and thus is relationship-specific), while preoccupation reflects representation of self (and thus is person-specific).

Key-words: attachment, relationships, generalizability

Introdução

A investigação sobre a vinculação nos adultos tem sido, pelo menos desde a altura em que foi integrada no *mainstream* da psicologia social e do desenvolvimento, dominada pela abordagem das diferenças individuais. Pelo contrário, nos escritos originais de Bowlby (1969, 1973, 1979, 1980, 1988), predominava a análise de mecanismos normativos e universais à espécie humana. Mesmo quando as diferenças individuais eram mencionadas, ao discutir as consequências das experiências relacionais ou as aplicações clínicas da teoria, nunca nessas obras foi desenvolvida uma perspectiva abrangente ou um sistema exaustivo de dimensões ou categorias que descrevesse as variantes individuais da vinculação. Foram, aparentemente, Mary Ainsworth e os seus colaboradores que, a partir dos seus estudos de observação de bebés em situações naturais ou de laboratório, propuseram pela primeira vez um esquema para a classificação dos estilos de vinculação no qual cada criança poderia ser inserida (Ainsworth, Blehar, Waters e Wall, 1978; Ainsworth e Bowlby, 1991). Foi deste seu sistema de três categorias (Tipo A – Evitante; Tipo B – Seguro, Tipo C – Ansioso/Ambivalente) que quase todos os esquemas subsequentes derivaram.

Uma das medidas assim derivadas foi o método dos três parágrafos de Hazan e Shaver (1987). Partindo do princípio de que as manifestações do sistema de vinculação nos adultos teriam maior probabilidade de ser encontradas nas relações de amor romântico, estes autores elaboraram três parágrafos, cada um deles procurando descrever a experiência que se esperaria que pessoas com cada um dos estilos propostos por Ainsworth *et al.* (1978) relatassem nas suas experiências em relações românticas, na idade adulta. Os participantes eram então solicitados a classificarem-se a si próprios, escolhendo o parágrafo que considerassem que melhor descrevia a sua experiência. A aparente facilidade com que os participantes realizavam esta tarefa, a semelhança das percentagens auto-classificadas em cada estilo com as que tinham sido obtidas com o procedimento de Ainsworth

para os bebés e uma série de correlações coerentes com a teoria (ver revisão da literatura em Feeney e Noller, 1996), ajudaram a convencer muitos da validade desta medida. Em conjunto com a sua simplicidade e facilidade de utilização, estes argumentos foram, sem dúvida, responsáveis pelo grande número de estudos que a utilizaram nos anos seguintes.

Uma série de aperfeiçoamentos foram posteriormente introduzidos nesta técnica, sobretudo com a inclusão de um segundo estilo evitante por Bartholomew (1990; Bartholomew e Horowitz, 1991), e com o desenvolvimento de diversas escalas multi-itens (obtidas através da divisão dos parágrafos originais em frases ou através da redacção de novos itens), as quais proporcionavam resultados mais precisos e possibilitavam o uso da análise factorial para caracterizar a dimensionalidade do domínio das diferenças individuais na vinculação. Os resultados das análises factoriais realizadas para estes conjuntos de itens tendiam a convergir para uma solução de dois factores (Brennan, Clark e Shaver, 1998), embora alguns autores tenham encontrado três factores, nem sempre idênticos (e.g., Collins e Read, 1990; Mikulincer, Florian e Tolmacz, 1990; Moreira, Silva, Moleiro, Aguiar, Andrez, Bernardes e Afonso, 2001). Os dois factores consistentes são: (a) um factor correspondente a uma *Preocupação* intensa com o estado das relações e a um desejo igualmente intenso mas sempre insatisfeito de proximidade, e (b) um factor de *Evitação*, correspondendo a relatos de dificuldade e desconforto com a proximidade em relação aos outros, acompanhados de uma atitude defensiva. O estilo evitante seria, assim, o resultado de uma evitação elevada, enquanto o estilo ansioso/ambivalente mostraria uma elevada preocupação e o estilo seguro revelaria baixos níveis de ambas. Uma interessante interpretação destas duas dimensões foi proposta por Bartholomew (1990; Bartholomew e Horowitz, 1991; Griffin e Bartholomew, 1994), que sugeriu que elas corresponderiam às avaliações genéricas das representações internas de si próprio e dos outros. Deste modo, um nível elevado de preocupação seria o resultado de uma representação negativa de si próprio (como não merecedor de cuidados e, portanto, vulnerável à negligência ou ao abandono), enquanto que um nível elevado de evitação seria o resultado de uma avaliação negativa do outro (como emocionalmente indisponível e, portanto, indesejável como objecto de tentativas de aproximação. Uma intrigante consequência desta proposta seria a de que a preocupação, estando relacionada com a representação de si próprio, deveria ser mais consistente para a mesma pessoa em diferentes relações, enquanto que a evitação, estando ligada à representação dos parceiros, deveria variar de acordo com as características percebidas nas relações.

A outra grande abordagem à vinculação do adulto, devida principalmente aos trabalhos de Mary Main e seus colaboradores (Hesse, 1999;

Main, Kaplan e Cassidy, 1985), está também muito dependente das categorias de Ainsworth. De facto, a sua *Adult Attachment Interview (AAI)* e o seu sistema de codificação foram construídos com o objectivo explícito de explorar os correlatos do estilo de vinculação das crianças nas atitudes dos pais em relação às questões da vinculação (van IJzendoorn, 1995). Em consequência, o principal resultado obtido desta entrevista é uma classificação dos indivíduos num conjunto de categorias correspondendo ao esquema usado para os bebés: desligado (*dismissing*, tendendo a ter bebés evitantes), autónomo (bebés seguros) e preocupado (bebés ansiosos/ambivalentes). Com a posterior introdução de um quarto estilo para os bebés, o desorganizado/desorientado (Main e Solomon, 1990), um estilo correspondente para os adultos foi também proposto, denominado não resolvido/desorganizado (Main e Hesse, 1990).

Parece, portanto, que o sistema de classificação introduzido no estudo de Ainsworth *et al.* (1978) deixou uma profunda marca na investigação sobre a vinculação. Isto é verdade em, pelo menos, três sentidos. Primeiro, no sentido em que, tal como vimos, praticamente todos os esquemas de diferenças individuais propostos desde então se basearam fortemente nele, com pequenos acrescentos mas sem alterações de fundo. Isto é verdade mesmo se, por vezes, se mostrou difícil replicar a distinção entre alguns dos estilos, principalmente o evitante e o ansioso/ambivalente, por exemplo, nos anos pré-escolares e escolares (e.g., Main, Kaplan e Cassidy, 1985; Oppenheim, 1997). Segundo, no sentido em que a investigação sobre a vinculação acabou por ser dominada pela abordagem das diferenças individuais, muito embora esta situação seja muitas vezes lamentada (e.g., Hazan e Shaver, 1994; Bartholomew, 1994) e permaneçam bolsas de resistência (e.g., Zeifman e Hazan, 1997; Weiss, 1998). Terceiro, no sentido em que o estilo de vinculação é visto como uma característica individual e estável, como um traço de personalidade à maneira clássica (Scharf e Bartholomew, 1994).

É este terceiro aspecto que o presente estudo pretende confrontar, examinando em que grau os indivíduos exibem o mesmo estilo de vinculação em relações com diferentes parceiros. De facto, esta questão tem estado latente para muitos investigadores na área da vinculação (e.g., Bartholomew, 1994), mas não tinha, até há pouco tempo, recebido muita atenção directa, apesar de uma série de pistas nesse sentido estarem disponíveis, sugerindo que a consistência em diferentes relações não era tão evidente como habitualmente se supunha.

(1) É pouco provável que os esquemas relacionais que se supõe estarem subjacentes aos estilos de vinculação sejam tão rígidos ao ponto de serem aplicados de forma indiscriminada a todas as relações íntimas. A hipótese de que esses esquemas tenham uma forma condicional, do tipo “se

o meu parceiro parece distante e inacessível, então devo preocupar-me acerca do estado da relação e assegurar-me dos sentimentos do meu parceiro em relação a mim” (estilo ansioso/ambivalente) ou “se o meu parceiro parece não ser aceiteante, então devo evitar revelar sentimentos íntimos e permanecer emocionalmente distante” (estilo evitante), parece mais plausível e adaptativa. A manifestação das características do estilo evitante seria, assim, modulada em função das atitudes percebidas nos parceiros e deveria mostrar um certo grau de especificidade nas diferentes relações. O grau de especificidade *vs.* consistência seria, obviamente, uma questão a verificar empiricamente.

(2) Um número considerável de participantes, ao responderem a questionários de vinculação, queixam-se de que as suas respostas seriam diferentes consoante a relação específica em que estivessem a pensar no momento e que responder sobre “as suas relações em geral” é muitas vezes difícil.

(3) Alguns autores têm sugerido que o estilo de vinculação não é uma característica estável, mas sim produto de esquemas cognitivo-afectivo-comportamentais relativamente lábeis, sujeitos e fenómenos como o *priming* (Baldwin, Keelan, Fehr, Enns e Koh-Rangarajoo, 1996). Isto poderia explicar a instabilidade muitas vezes verificada na auto-classificação em categorias de vinculação (Baldwin e Fehr, 1995) e viria em apoio da previsão de que acontecimentos específicos das relações podem levar a diferenças no predomínio de certos estilos de vinculação em certas relações.

(4) Alguns autores têm defendido que o estilo de vinculação, pelo menos nas crianças, é uma característica do ambiente e, particularmente, do ambiente relacional (Lewis e Feiring, 1991), tanto quanto, ou mais ainda do que, uma característica das crianças, e pode ser alterado se as circunstâncias de vida relacional se modificarem (Erickson, Sroufe e Egeland, 1985).

(5) A investigação que tem comparado a vinculação da criança em relação à mãe e ao pai tem constatado que, embora se observem idênticas manifestações dos estilos de vinculação, o estilo verificado para um dos pais é um fraco preditor do estilo observado para o outro (Fox, Kimmerly e Schafer, 1991), sugerindo que o estilo de vinculação é específico das relações desde uma fase precoce do desenvolvimento.

(6) A investigação sobre o apoio social percebido, um constructo fortemente relacionado com o do estilo de vinculação (Sarason, Pierce e Sarason, 1990; Moreira *et al.*, 2001), tem concluído que o apoio específico nas relações acrescenta um efeito significativo na predição da perturbação psicológica, para além da contribuição já demonstrada pela percepção genérica de disponibilidade de apoio (Pierce, Sarason e Sarason, 1991).

(7) Os estudos de que tenho conhecimento e que examinaram o estilo de vinculação em diferentes relações encontraram apenas um grau moderado de concordância (Mayselless, Sharabany e Sagi, 1997) e uma maior proporção de variância atribuível às relações por comparação com as pessoas (Cook, 2000).

Decidi, por isso, levar a cabo um estudo empírico que examinasse o grau de consistência *vs.* especificidade relacional do estilo de vinculação. A teoria da generalizabilidade (Shavelson e Webb, 1991), com o seu objectivo de determinar a magnitude das diferentes fontes de influência sobre os resultados das avaliações, proporcionou uma abordagem metodológica e estatística adequada a este problema.

Seguindo a tendência recente para uma solução de dois factores no problema da dimensionalidade do estilo de vinculação e baseando-me nos resultados das minhas próprias análises factoriais (Moreira *et al.*, 2001), decidi incluir a *Preocupação* e a *Evitação* como facetas do estilo de vinculação. Cada faceta foi avaliada por um conjunto de seis itens, seleccionados com base no meu anterior estudo utilizando a análise factorial, reformulados de forma a que se referissem a uma relação específica. Os participantes foram solicitados a responder repetidamente a esses itens para cinco relações diferentes: com a mãe, o pai, o melhor amigo(a) do mesmo sexo, o seu parceiro romântico ou o melhor amigo(a) do sexo oposto e uma quinta pessoa à escolha do participante. De modo a possibilitar o exame da estabilidade temporal dos resultados, os participantes responderam a esta medida por três vezes, com um intervalo de três semanas entre cada par de aplicações consecutivas. Um plano de generalizabilidade misto com quatro facetas foi, assim, obtido, com três facetas cruzadas (Relações, Ocasões e Dimensões da vinculação) e uma faceta inclusa (*nested*; os itens, inclusos nas Dimensões).

Método

Participantes e procedimento

Um total de 239 estudantes universitários participou neste estudo, preenchendo questionários no início ou no final de aulas. Houve, para cada um dos grupos, três momentos de recolha de dados, separados por intervalos de três semanas. A amostra incluiu estudantes de Psicologia, Educação, Sociologia e Gestão, de duas instituições do ensino superior situadas em Lisboa. A participação era voluntária e sem nenhuma forma de compensação. Um certo número de potenciais participantes optou por não participar no estudo, particularmente quando este era apresentado no final das aulas, invocando pressões de tempo. O número destas recusas é impossível de

quantificar exactamente, sobretudo devido aos sucessivos momentos de recolha de dados, mas é possível estimar que se terá situado entre 10 e 30 indivíduos. Uma vez que as aulas em que os questionários foram recolhidos não eram de presença obrigatória, o facto de alguns alunos não terem estado presentes em algumas aulas deu origem a um número considerável de dados omissos. Mais detalhes acerca do impacto dos dados omissos e da forma como se lidou com o problema são apresentados mais à frente. A média de idades dos participantes era de 20,06 anos, com um desvio-padrão de 4,12 anos e uma distribuição entre os 17 e os 46 anos. Setenta e quatro por cento dos participantes eram do sexo feminino.

Medidas

Estilo de vinculação específico nas relações

Os dados relativos a esta variável foram recolhidos por meio de um questionário formatado como uma matriz de dupla entrada, com as linhas correspondendo aos itens e as colunas às relações. A concordância com os itens era avaliada numa escala de cinco pontos, de (1) “Discordo completamente” até (5) “Concordo completamente”, separadamente para cada relação. Dado que havia 12 itens e 5 relações, os participantes foram solicitados a fazer 60 avaliações em cada momento.

Os itens foram seleccionados com base numa análise factorial prévia, realizada numa população semelhante (Moreira *et al.*, 2001). O questionário utilizado nesta análise factorial foi uma tradução portuguesa do *Relationship Style Questionnaire* (Griffin e Bartholomew, 1994), adicionado de três itens não redundantes do *Adult Attachment Questionnaire*, de Collins e Read (1990). Ambos os questionários foram objecto de uma re-roversão independente e aprovados, nessa forma, pelos seus autores originais. A análise factorial indicou a presença de dois factores principais, *Evitação* e *Preocupação*, que se sabe estarem subjacentes às auto-avaliações da vinculação nos adultos, bem como de um terceiro factor, aparentemente correspondente ao estilo *Evitante-Desligado* de Bartholomew (1990). Este último factor não foi considerado no presente estudo, uma vez que permaneciam dúvidas quanto à sua interpretação, para além de incluir muito poucos itens e de a formulação destes não ser de molde a facilitar a sua transformação para uma forma específica das relações (e.g., “É importante para mim sentir-me independente”).

Os seis itens com saturações mais altas em cada um dos primeiros dois factores foram seleccionados para ser incluídos na medida específica das relações. Um dos itens de *Preocupação*, no entanto, colocava dificuldades a uma reformulação, no sentido de o tornar específico de uma relação, de modo que o sétimo item teve que ser seleccionado para este factor.

O item em questão era “Preocupo-me muitas vezes com a possibilidade de os meus amigos ou parceiros românticos não quererem manter a nossa relação”. Após a adaptação a um formato específico da relação, ficaria “Preocupo-me muitas vezes com a possibilidade de esta pessoa não querer manter a nossa relação”. Ora, isto levantaria dificuldades nas relações parentais que, por definição, não são susceptíveis de serem dissolvidas. Os itens seleccionados foram, então, reformulados, tal como no exemplo acima, de modo a que se referissem a uma relação específica. Por exemplo, o item “Sinto-me confortável ao desenvolver relações próximas com outras pessoas” (*Evitação*) foi transformado em “Sinto-me confortável ao desenvolver uma relação próxima com esta pessoa”.

As relações, entretanto, teriam de permanecer comparáveis para todos os participantes, de modo a assegurar que as facetas eram cruzadas. Por isso, foi decidido incluir cinco relações consideradas relevantes para todos os indivíduos da amostra: (a) mãe ou figura materna, (b) pai ou figura paterna, (c) melhor amigo do mesmo sexo, (d) parceiro romântico ou melhor amigo do sexo oposto, (e) outra pessoa significativa à escolha do participante, aquela de quem se sentisse mais próximo, excluindo as que tivessem sido indicadas nas colunas anteriores. Nas primeiras duas colunas, os participantes foram instruídos no sentido de responderem com referência à sua mãe e pai biológicos, respectivamente. No caso de terem perdido contacto com um ou ambos os pais, por morte ou outra causa, foram solicitados a inspecionar os itens e a decidir se lhes faria sentido responder-lhes com referência à relação que tinham com a pessoa em causa. Se sentiam que não podiam responder aos itens com referência ao seu pai ou mãe ausente, eram instruídos no sentido de responderem em relação à pessoa que mais tivesse representado para eles o papel de mãe ou pai. Se sentiam que ninguém tinha desempenhado esse papel, eram solicitados a responder com referência ao membro da sua família, do sexo correspondente, de quem se sentiam mais próximos. Na quinta coluna, da “outra pessoa”, solicitou-se aos participantes que indicassem o tipo de relação que tinham com essa pessoa. Verificou-se que 10,9% nomearam um avô ou avó, 4,6% um tio ou tia, 0,4% um padrinho, 46,0% um irmão ou irmã, 5,9% um primo, 1,3% um filho ou filha, 0,4% uma sobrinha e 15,5% um amigo, enquanto 6,7% omitiram esta informação ou deram uma informação não classificável (e.g., o primeiro nome da pessoa).

Estilo de vinculação genérico

Os dados relativos a esta variável foram recolhidos por meio da versão portuguesa do *Relationship Questionnaire*, de Bartholomew e Horowitz (1991), incluído no terceiro momento de recolha de dados. Este instrumento confronta os respondentes com quatro parágrafos descrevendo os

quatro estilos de vinculação hipotetizados no modelo de Bartholomew e solicita auto-avaliações separadas para cada estilo, numa escala de sete pontos, desde “Não tem nada a ver comigo” até “Tem muito a ver comigo”. Para além disso, era pedido aos participantes que assinalassem qual o parágrafo que melhor os descrevia. O questionário original foi traduzido para português e uma retroversão independente foi aprovada por Kim Bartholomew. As percentagens de participantes que seleccionaram cada um dos parágrafos foram 47,5% para o *Seguro*, 21,3% para o *Evitante-Receoso*, 18,1% para o *Preocupado* e 13,1% para o *Evitante-Desligado*.

Resultados

Estudos de generalizabilidade

Tal como foi previamente mencionado, existia um grande número de dados omissos, devido sobretudo aos estudantes que faltavam a algumas aulas. Assim, dos 239 participantes iniciais, apenas estavam disponíveis dados completos das três ocasiões para 120. Dados completos para duas ocasiões estavam disponíveis para um conjunto adicional de 77 participantes. Foi, por isso, decidido usar estes dois grupos como sub-amostras independentes e utilizá-las para efeitos de validação cruzada. Assim, a análise foi levada a cabo, primeiro, para a sub-amostra com três ocasiões e, depois, replicada na sub-amostra com duas ocasiões.

Os resultados foram analisados aplicando a teoria de generalizabilidade (Shavelson e Webb, 1991). O plano era misto de quatro facetas, com três facetas cruzadas (*Relações*, *Ocasões* e *Dimensões*) e uma faceta inclusa (*Itens*, inclusos nas *Dimensões*). Para além disso, duas facetas eram aleatórias (*Ocasões* e *Itens*) e duas fixas (*Dimensões* e *Relações*).

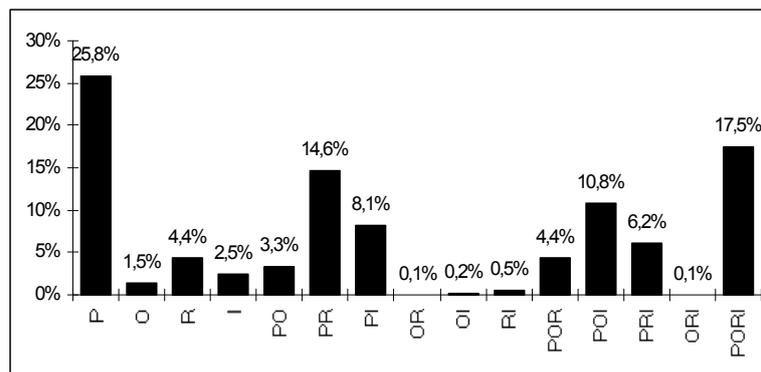
O tratamento das facetas fixas pode ser feito de duas formas (Shavelson e Webb, 1991, Cap. 5). Se os diferentes níveis de cada faceta são distintos e independentes, devem ser efectuadas análises de generalizabilidade separadas para cada faceta. Este foi o procedimento adoptado para as dimensões da vinculação, efectuando análises separadas para os itens de *Evitação* e de *Preocupação*. Uma consequência desta opção foi o desaparecimento do carácter incluso dos itens, uma vez que se passou a ter dois estudos separados, integralmente cruzados e com três facetas (*Relações*, *Ocasões* e *Itens*).

A forma alternativa de tratar as facetas fixas é somando os resultados para os diferentes níveis da faceta. Este seria o procedimento a adoptar para as *Relações*, se o estilo de vinculação fosse consistente em todas elas: somar os resultados nas diversas relações forneceria estimativas mais pre-

cisas dos resultados de cada indivíduo em cada item. O ajustamento a este pressuposto, entretanto, pode ser testado tratando a faceta fixa como se fosse aleatória e examinando os componentes de variância que lhe estão associados. Somar ao longo dos valores da faceta apenas é defensável se não houver componentes de magnitude relevante envolvendo interações com a faceta. Este foi o procedimento seguido para a faceta fixa das *Relações*.

Os dados foram tratados utilizando um programa comum de análise de variância para obter os valores das médias quadráticas. Fórmulas derivadas das apresentadas por Shavelson e Webb (1991) foram então aplicadas para obter estimativas dos componentes de variância na população. A Figura 1 apresenta os resultados, em termos da proporção de variância das respostas explicada por cada um dos componentes, para a dimensão de *Preocupação*. A Figura 2 apresenta a mesma informação para a dimensão de *Evitação*. Ambas as figuras se referem à sub-amostra que participou nas três ocasiões.

Figura 1: Dimensão de *Preocupação*: percentagens de variância explicada pelos componentes *Pessoa* (P), *Ocasião* (O), *Relação* (R) e *Item* (I), e pelas suas respectivas interações. Resultados para os participantes com dados completos para três ocasiões ($N = 120$).



Examinando a Figura 1, é possível extrair uma série de conclusões relevantes. Em primeiro lugar, o componente que explica a maior proporção de variância é o correspondente às pessoas, o que mostra que a *Preocupação* é essencialmente uma característica dos indivíduos. Em contraste, os componentes correspondentes às *Ocasões*, *Relações* e *Itens* são de magnitude muito reduzida, indicando que não existem grandes diferenças no nível de *Preocupação* em diferentes *Ocasões* ou em diferentes *Relações* e que as diferenças no nível médio de concordância com os diferentes itens

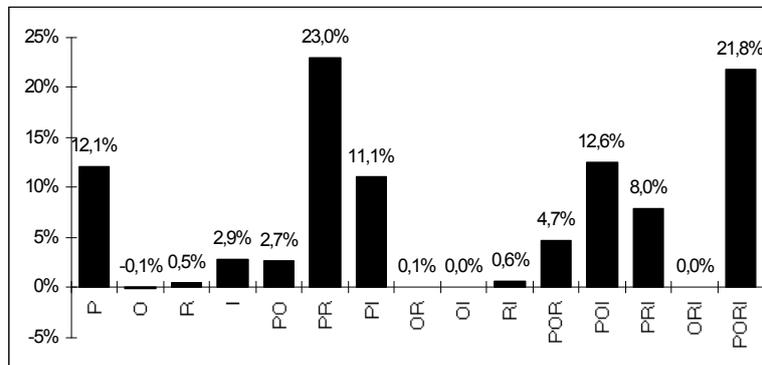
de *Preocupação* são pequenas. Para além disso, o componente de interacção entre *Pessoas* e *Ocasões* é também de magnitude muito reduzida, mostrando que o nível geral de *Preocupação* dos indivíduos com a vinculação é estável ao longo do tempo. O componente *Pessoas* \times *Relações*, porém, é de magnitude muito superior, mostrando que o nível de *Preocupação* de um dado indivíduo varia de forma sensível em diferentes relações, embora este fenómeno não se sobreponha à magnitude superior do componente relativo aos indivíduos. O componente *Pessoas* \times *Itens* é de magnitude relativamente pequena, mostrando que, embora os indivíduos tenham tendência a concordar ou discordar de forma consistente com os itens que avaliam a *Preocupação*, existe também um certo grau de concordância diferencial. É importante manter presente que todos estes efeitos se generalizam ao longo das facetas que não estão incluídas nos componentes. Isto significa que, por exemplo e para o último caso apresentado, qualquer concordância diferenciada dos indivíduos com os itens se manifesta de forma consistente em diferentes relações e em diferentes ocasiões.

Dos restantes componentes de variância, se excluirmos a interacção de terceira ordem entre *Pessoas*, *Ocasões*, *Relações* e *Itens*, que constitui um componente residual que acumula toda a variância não explicada, o único a atingir uma magnitude merecedora de referência é o da interacção entre *Pessoas*, *Ocasões* e *Itens*. A interpretação deste componente não é óbvia, dado que corresponde a uma concordância diferenciada com os itens pelos indivíduos, que varia em diferentes ocasiões, mas que, quando acontece, se verifica de forma consistente para todas as relações e é independente do nível geral de *Preocupação*. A minha preferência vai no sentido de interpretar este componente como resultado de um processo ocasional de activação semântica, em certos indivíduos mais do que em outros, de palavras ou temas mencionados em alguns dos itens. Este assunto será objecto de atenção mais detalhada na discussão.

A Figura 2 apresenta os resultados paralelos para a dimensão de *Evitação*, revelando aspectos semelhantes e outros bastante diferentes. As semelhanças são visíveis no facto de os quatro maiores componentes serem os mesmos que para a dimensão de *Preocupação*, nomeadamente *Pessoas*, *Pessoas* \times *Relações*, *Pessoas* \times *Ocasões* \times *Itens* e o componente residual de *Pessoas* \times *Ocasões* \times *Relações* \times *Itens*. Este resultado vem confirmar a estabilidade temporal das auto-descrições da *Evitação*, tanto ao nível geral (componente *Pessoas* \times *Ocasões*) como ao nível específico das relações (*Pessoas* \times *Ocasões* \times *Relações*), mas também a presença de um certo nível de afirmação diferencial de concordância com os itens, por parte dos indivíduos, de uma forma que se generaliza às diferentes relações, mas que varia de forma sensível de uma ocasião para outra, tal como já se tinha verificado para a *Preocupação*. Em contraste, a maior diferença pode ser observada nas posições relativas dos componentes *Pessoas* e de interacção

Pessoas × Relações. Enquanto que, para a dimensão de *Preocupação*, o componente *Pessoas* era claramente maior do que o componente *Pessoas × Relações*, indicando que a *Preocupação* com a vinculação é uma característica dos indivíduos mais do que das relações, o contrário acontece quando se olha para a *Evitação*. De facto, o componente *Pessoas × Relações* explica praticamente o dobro da variância das auto-avaliações da *Evitação* quando comparado com o componente *Pessoas*, mostrando que a *Evitação* é uma característica das relações mais do que dos indivíduos. Finalmente, a presença de um pequeno componente de variância negativa não deve causar surpresa. Embora teoricamente impossíveis, tais valores podem ocorrer devido ao erro de amostragem, quando os valores para a população são muito próximos de zero, e podem ser ignorados.

Figura 2: Dimensão de *Evitação*: percentagens de variância explicada pelos componentes *Pessoa* (P), *Ocasião* (O), *Relação* (R) e *Item* (I), e pelas suas respectivas interacções. Resultados para os participantes com dados completos para três ocasiões ($N = 120$).



Tal como já mencionado, efectuei uma replicação destas análises utilizando os dados dos participantes que forneceram resultados completos em apenas duas ocasiões. Isto incluiu participantes ausentes ou que não puderam participar, bem como aqueles que apresentavam respostas omissas nos seus questionários, numa das ocasiões. O número total de participantes nesta situação era de 77, sendo que 35 tinham dados completos para a primeira e a segunda ocasiões, 13 para a segunda e terceira, e 29 para a primeira e terceira. Para este último grupo, o intervalo entre os dois momentos de recolha de dados era, portanto, de seis semanas, em vez das três semanas mencionadas para os outros grupos.

Devido a limitações de espaço, os resultados para esta segunda sub-amostra serão apresentados de forma sumária. Em termos gerais, confirmam os obtidos para a sub-amostra de três ocasiões. Para a dimensão de Preocupação, o componente *Pessoas* era de novo o maior, se exceptuarmos o componente residual de interacção entre todos os termos. No entanto, a diferença entre o componente *Pessoas* e os outros componentes de maior magnitude (*Pessoas* × *Relações*, *Pessoas* × *Itens* e *Pessoas* × *Ocasões* × *Itens*) era muito menor do que na análise anterior. Uma possível interpretação para esta discrepância é a de que, devido ao menor número de participantes e ocasiões, este conjunto de dados foi afectado em maior grau pela variância de erro, o que se reflecte tanto na maior magnitude da variância residual não explicada como na menor diferenciação das magnitudes dos componentes. Para a dimensão de *Evitação*, no entanto, o oposto parece ter sucedido, uma vez que os dois componentes teoricamente mais significativos viram a sua magnitude aumentar, mantendo as suas posições relativas, enquanto que os dois que se lhe seguiam (*Pessoas* × *Relações* e *Pessoas* × *Ocasões* × *Itens*) resultaram algo reduzidos.

No conjunto, as análises para estas duas sub-amostras apontam para as mesmas conclusões gerais: (a) a *Preocupação* é uma característica individual, embora também varie até certo ponto em função das relações; (b) a *Evitação* (e o seu oposto, o conforto com a proximidade) é específica de cada relação, embora haja também um certo grau de consistência individual; (c) existe um componente de variância adicional, referente a um nível diferencial de concordância dos indivíduos com itens específicos, de uma forma independente do nível geral da característica e que se generaliza a diferentes relações, mas que varia de uma ocasião para outra; esta conclusão é válida tanto para a *Preocupação* como para a *Evitação*; (d) não existem outros componentes de variância importantes, o que indica, por exemplo, que não existem grandes diferenças nos níveis de *Preocupação* e *Evitação* em diferentes tipos de relações (e.g., com a mãe, pai, parceiro romântico, amigos, etc.) e que as avaliações do estilo de vinculação nas diferentes relações são temporalmente estáveis (com excepção do efeito sobre o endosso diferencial dos itens, atrás mencionado). Foram também efectuadas análises separadas para homens e mulheres, tendo ambas apoiado estas conclusões.

Estudos de decisão

Os estudos utilizando a teoria da generalizabilidade podem ser classificados em dois tipos (Shavelson e Webb, 1991). O estudo apresentado na secção anterior é um exemplo de um estudo de generalizabilidade

(abreviadamente, um estudo G), visando fornecer informação acerca das fontes de variação nas avaliações. Por outro lado, os estudos de decisão (ou estudos D) procuram avaliar a precisão dos resultados das medidas obtidas através da combinação de certos conjuntos de valores e de facetas. Enquanto que os resultados de um estudo G surgem sob a forma de estimativas das magnitudes dos componentes de variância, um estudo D fornece-nos um ou mais coeficientes de generalizabilidade, que correspondem à proporção de variância verdadeira incluída nos resultados das medidas. Os coeficientes de generalizabilidade constituem, portanto, coeficientes de precisão e, quando apenas a faceta dos itens é considerada, o coeficiente resultante é equivalente ao bem conhecido coeficiente *Alfa de Cronbach*. A principal vantagem da teoria da generalizabilidade na avaliação da precisão, no entanto, é a de permitir integrar num único quadro de referência a generalizabilidade ao longo de diferentes facetas.

Dados os resultados obtidos nos estudos de generalizabilidade apresentados na secção anterior, os quais mostraram que os estilos de vinculação são relativamente generalizáveis para diferentes *Itens* e *Ocasões* mas não para diferentes *Relações*, foi realizado um conjunto de estudos D, de modo a avaliar a precisão dos resultados relativos às duas dimensões do estilo de vinculação, separadamente para cada dimensão e para cada relação. Os resultados são apresentados no Quadro 1. É possível verificar que os resultados obtidos para cada relação apresentam um adequado nível de precisão, especialmente quando se agregam diferentes ocasiões. Um nível ligeiramente mais baixo de consistência interna é obtido para a dimensão de *Evitação* nas relações com os amigos e os parceiros românticos, visível tanto pelos valores da precisão como pela magnitude dos componentes PI. Para além disso, é visível que as avaliações das relações com a mãe e com o pai tendem a ser mais estáveis ao longo do tempo, uma vez que os componentes PO são menores para essas relações. Para aqueles que se sentem mais confortáveis com as habituais correlações teste-reteste, é possível dizer que estas se distribuem em torno de 0,80 para a mãe e o pai, e em torno de 0,60 para as outras relações.

As análises para a sub-amostra com duas ocasiões forneceram resultados semelhantes, apenas com proporções superiores de variância de erro (componentes PI e POI) para a dimensão de *Preocupação*. Em consequência, os valores da precisão eram mais baixos do que para a amostra de três ocasiões, oscilando entre 0,54 e 0,69 para dados obtidos para uma única ocasião. Não correu um efeito comparável para a dimensão de *Evitação*, e um efeito saliente no sentido oposto foi mesmo encontrado para o parceiro do sexo oposto e para a quinta, “outra” pessoa próxima.

Quadro 1: Componentes de variância e precisão dos resultados por *Relação*

	Preocupação					Evitação				
	M	Pa	MS	SO	Ot	M	Pa	MS	SO	Ot
P	40%	43%	46%	49%	33%	40%	48%	24%	27%	31%
O	1%	1%	1%	2%	3%	0%	0%	0%	0%	0%
I	6%	5%	2%	2%	1%	2%	3%	6%	2%	5%
PO	5%	5%	9%	10%	12%	5%	6%	9%	7%	10%
PI	20%	20%	10%	10%	15%	18%	16%	20%	24%	19%
OI	1%	0%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
POI	28%	27%	31%	27%	36%	34%	27%	41%	39%	34%
ρ^2_{10}	0,75	0,78	0,74	0,76	0,62	0,74	0,78	0,56	0,61	0,62
ρ^2_{30}	0,86	0,87	0,87	0,88	0,80	0,86	0,89	0,74	0,76	0,78

Nota: M – Mãe. Pa – Pai. MS – Melhor amigo do mesmo sexo. SO – Parceiro romântico ou melhor amigo do sexo oposto. Ot – Outra pessoa próxima. P – Pessoa. O – Ocasão. I – Item. ρ^2_{10} – Estimativa da precisão dos resultados para seis itens numa ocasião. ρ^2_{30} – Estimativa da precisão dos resultados para seis itens e a média de três ocasiões.

Relações entre as características das relações

Tendo determinado que a relação é a variável relevante para a análise e que resultados com suficiente precisão podem ser obtidos para as avaliações de ambas as dimensões da vinculação numa relação específica, agregando diversos *Itens* e *Ocasões*, as relações entre as características atribuídas às diferentes relações foram examinadas através da análise factorial exploratória. A matriz de correlações entre as 10 variáveis é apresentada no Quadro 2. Foi utilizada uma Análise em Componentes Principais, seguida de uma rotação *varimax* (Quadro 3). Uma rotação oblíqua (*Promax*) apontou para a mesma interpretação. O critério do “valor próprio maior do que um” indicou uma solução com três factores, a qual parecia adequada também em termos de interpretação. O primeiro factor agrega todas as avaliações da *Preocupação*, estando de acordo com a análise de generalizabilidade que apontava para a *Preocupação* como uma característica das *Pessoas*, mais do que das *Relações*. Os dois outros factores dividiram entre si os resultados para a *Evitação*. O segundo factor incluía as avaliações da *Evitação* em relação aos pares (parceiros românticos e amigos), enquanto que o terceiro abrangia a *Evitação* em relação à mãe e ao pai. A *Evitação* face à quinta pessoa, não especificada, estava dividida entre o segundo e o terceiro factores, provavelmente porque alguns participantes consideraram aqui um membro da sua família e outros um amigo/a. Foram

também realizadas análises factoriais separadas para homens e mulheres. Enquanto que os resultados para as mulheres foram muito semelhantes aos obtidos para o conjunto da amostra, os resultados para os homens foram bastante diferentes. Estes resultados não serão apresentados aqui, no entanto, uma vez que o número de indivíduos era demasiado pequeno (92 mulheres e 27 homens) para que se possa ter um mínimo de confiança nos resultados. Pode concluir-se, porém, da necessidade de análises que comparem os géneros, em amostras de maior dimensão.

Quadro 2: Matriz de correlações entre as variáveis da vinculação específica das relações

P-Pa	0,79								
P-MS	0,65	0,53							
P-SO	0,58	0,59	0,74						
P-Ot	0,61	0,58	0,60	0,54					
E-M	0,37	0,20	0,12	0,14	0,19				
E-Pa	0,11	0,38	0,05	0,15	0,22	0,57			
E-MS	0,27	0,31	0,35	0,41	0,35	0,27	0,23		
E-SO	0,30	0,37	0,20	0,47	0,37	0,31	0,26	0,57	
E-Ot	0,09	0,13	0,02	0,06	0,41	0,39	0,41	0,41	0,33
	P-M	P-Pa	P-MS	P-SO	P-Ot	E-M	E-Pa	E-MS	E-SO

Nota: P – Preocupação. E – Evitação. M – Mãe. Pa – Pai. MS – Melhor amigo do mesmo sexo. SO – Parceiro romântico ou melhor amigo do sexo oposto. Ot – Outra pessoa próxima.

Uma vez que a rotação ortogonal pode ocultar correlações entre os factores obtidos (enquanto que as rotações oblíquas obrigam à fixação prévia de um parâmetro que, na prática, determina o nível da correlação entre os factores), obtiveram-se estimativas dos resultados para os factores, calculando a média das variáveis com saturações superiores a 0,5. A *Evitação* em relação à “outra pessoa” foi deixada de fora. Obtiveram-se correlações significativas ($p < 0,01$) entre todos os pares de variáveis. A correlação mais elevada (0,46) foi obtida entre a *Preocupação* e a *Evitação* em relação aos pares, seguida pela encontrada entre a *Evitação* em relação à família e aos pares (0,34) e, finalmente, entre a *Preocupação* e a *Evitação* em relação à família (0,26).

Quadro 3: *Preocupação e Evitação* específica das relações – Matriz de factores após a rotação

	Factor 1	Factor 2	Factor 3
P-M	0,92	-0,17	0,15
P-Pa	0,84	-0,10	0,23
P-MS	0,88	0,03	-0,19
P-SO	0,76	0,26	-0,18
P-Ot	0,65	0,22	0,09
E-M	0,09	-0,01	0,82
E-Pa	0,03	-0,02	0,87
E-MS	0,06	0,86	-0,07
E-SO	0,09	0,78	0,01
E-Ot	-0,22	0,56	0,47

Nota: P – Preocupação. E – Evitação. M – Mãe. Pa – Pai. MS – Melhor amigo do mesmo sexo. SO – Parceiro romântico ou melhor amigo do sexo oposto. Ot- Outra pessoa próxima.

Relações entre características das relações e outras variáveis

Nenhuma das dez combinações *Relação × Dimensão* estava significativamente relacionada com o sexo ou a idade. Quanto às auto-avaliações nos quatro parágrafos dos estilos de vinculação genéricos, os resultados são apresentados no Quadro 4 (para a sub-amostra de três ocasiões). É possível ver que, apesar de muitas correlações serem significativas, nenhuma delas atinge um valor elevado, provavelmente devido à baixa precisão das avaliações dos parágrafos, fornecidas por um único item. Um segundo aspecto a salientar é o de que não existe especificidade nas correlações dentro de cada dimensão da vinculação, ou seja, existe uma série de correlações significativas entre a *Preocupação* genérica e a *Evitação* específica das relações e vice-versa. Indo além destes aspectos globais, o padrão das correlações não é claro, mas alguns aspectos parecem merecedores de atenção. É necessário manter presente que a amostra em análise incluía uma grande maioria de mulheres e que os resultados obtidos quando considerando apenas as mulheres eram muito semelhantes aos encontrados para o conjunto da amostra. Quando apenas os homens eram incluídos, as relações entre as medidas eram bastante diferentes. Infelizmente, os homens são escassos na população utilizada, pelo que o exame sistemático das diferenças entre sexos nestas questões terá de ser deixada para estudos futuros.

Quadro 4: Correlações entre as avaliações da vinculação genéricas e específicas das relações

	Subamostra com três ocasiões				Subamostra com duas ocasiões			
	Seguro	Receoso	Preoc.	Deslig.	Seguro	Receoso	Preoc.	Deslig.
P-M	-0,26**	0,33**	0,04	-0,03	-0,19	0,37**	0,11	0,33*
P-Pa	-0,35**	0,31**	0,20*	-0,01	-0,10	0,31*	0,17	0,09
P-MS	-0,13	0,18*	0,23**	-0,16*	-0,41**	0,50**	0,30*	0,13
P-SO	-0,26**	0,17*	0,32**	-0,13	-0,24	0,49**	0,26*	0,06
P-Ot	-0,19*	0,28**	0,22**	-0,08	-0,16	0,40**	0,24	0,11
E-M	-0,26**	0,28**	0,03	0,10	-0,07	0,09	0,16	0,14
E-Pa	-0,22**	0,12	0,27**	0,00	-0,21	0,30*	0,32*	-0,02
E-MS	-0,32**	0,26**	0,11	0,10	-0,24	0,40**	0,08	0,28*
E-SO	-0,29**	0,31**	0,09	0,08	-0,06	0,33*	-0,05	0,41**
E-Ot	-0,21*	0,26**	0,11	0,03	-0,10	0,45**	0,12	0,23

Nota: P – Preocupação. E – Evitação. M – Mãe. Pa – Pai. MS – Melhor amigo do mesmo sexo. SO – Parceiro romântico ou melhor amigo do sexo oposto. Ot – Outra pessoa próxima. Preoc. – Preocupado. Deslig. – Desligado. O *N* é de 120 para a amostra de três ocasiões e varia entre 43 e 44 para a amostra de duas ocasiões. * – $p < 0,05$. ** – $p < 0,01$, teste unilateral.

Deve ser ressaltado, em primeiro lugar, que a auto-avaliação no protótipo *Seguro* está significativamente relacionada com todas as medidas específicas das relações, na direcção esperada, com a excepção da *Preocupação* com o melhor amigo do mesmo sexo. Parece também digno de registo que a correlação mais alta tenha sido obtida para a *Preocupação* na relação com o pai. Quanto ao protótipo *Evitante-Receoso*, de novo todas as correlações foram significativas na direcção esperada, com excepção da *Evitação* em relação ao pai. Aqui, o melhor preditor era a *Preocupação* em relação à mãe. O protótipo *Preocupado* apresentava menos preditores significativos e estes estavam concentrados exclusivamente dentro da *Preocupação* nas relações com os pares (incluindo a quinta pessoa não especificada), bem como na relação com o pai (tanto no aspecto da *Preocupação* como no da *Evitação*). Curiosamente, a relação com a mãe não tinha aqui nenhum efeito significativo. Finalmente, o único correlato significativo do protótipo *Evitante-Desligado* era um nível mais baixo de Preocupação na relação com o melhor amigo do mesmo sexo. Esta escassa capacidade preditiva não é surpreendente, dado que as atitudes desligadas ou de indiferença face às relações não foram incluídas no questionário sobre relações específicas.

Estes resultados foram também replicados na sub-amostra com duas ocasiões. Antes de calcular as correlações, no entanto, foram realizadas duas análises de variância multivariadas (*MANOVA*) comparando as médias dos

dois grupos nas dez medidas específicas das relações e nos quatro protótipos. Os resultados não foram significativos, nem para as medidas específicas das relações, $F(10, 186) = 0,54$, $p = 0,86$, nem para as medidas genéricas, fossem elas avaliações dos protótipos, $F(4, 158) = 0,94$, $p = 0,44$, ou escolha forçada, $\chi^2(3, N = 157) = 1,81$, $p = 0,62$. Também não havia diferenças na distribuição dos sexos nos dois grupos, pelo teste exacto de Fischer, bilateral, $N = 192$, $p = 0,31$, ou na idade, $t(190) = 1,45$, $p = 0,15$, teste bilateral.

As correlações são apresentadas no Quadro 4, na secção correspondente à sub-amostra com duas ocasiões. É visível que os resultados foram semelhantes apenas para o protótipo *Preocupado*, que surge de novo mais fortemente ligado à *Preocupação* nas relações com os pares e à *Evitação* em relação ao pai. Para o protótipo Seguro, os resultados sofrem uma inesperada inversão relativamente aos da outra sub-amostra: o único correlato significativo nesta sub-amostra com duas ocasiões é a *Preocupação* em relação ao amigo do mesmo sexo, a única que não era significativa na sub-amostra com três ocasiões. A *Preocupação* em relação aos pares é também o melhor preditor do protótipo *Evitante-Receoso*, quando era um dos mais fracos na amostra com três ocasiões. Finalmente, a auto-avaliação para o protótipo *Evitante-Desligado* correlaciona-se significativamente com a *Evitação* em relação aos pares e com a *Preocupação* em relação à mãe, ambos fracos correlatos na outra sub-amostra. Uma vez que não se encontraram variáveis que discriminassem entre as duas sub-amostras, não se encontra explicação para estas inconsistências.

As relações entre as medidas da vinculação específicas das relações e a escolha forçada de um único protótipo da vinculação foram examinadas através de uma MANOVA utilizando as duas dimensões teóricas dos modelos de si próprio (Seguro ou Desligado vs. Receoso ou Preocupado) e modelos do outro (Seguro ou Preocupado vs. Desligado ou Receoso) como variáveis independentes. Foi encontrado um efeito multivariado significativo, tanto para o modelo de si próprio, $F(10, 103) = 2,02$, $p = 0,04$, como para o modelo dos outros, $F(10, 103) = 2,31$, $p = 0,02$, mas não para a sua interacção, $F(10, 103) = 0,35$, $p = 0,97$. As análises univariadas revelaram vários efeitos significativos do modelo de si próprio (ver Quadro 5), mas nenhum do modelo do outro ou da interacção. Todas as diferenças foram no sentido esperado, com níveis mais elevados de *Preocupação* ou de *Evitação* relacionados com um modelo negativo de si próprio, o que torna a apresentação das médias redundante. Foram encontradas diferenças significativas para a *Preocupação* em relação ao pai, ao parceiro romântico ou melhor amigo do sexo oposto e para a outra quinta pessoa, assim como para a *Evitação* em relação ao pai e aos pares mais próximos de ambos os sexos. Estes resultados confirmam as tendências gerais verificadas para os

ratings dos protótipos. É particularmente notável a ausência de relações significativas com a qualidade percebida da relação com a mãe.

Quadro 5: Efeitos univariados das medidas genéricas de escolha forçada sobre as avaliações da vinculação específicas das relações, para os efeitos multivariados que atingiram a significância

	Modelo de Si Próprio Três ocasiões		Modelo do Outro Duas ocasiões	
	F	p	F	p
P-M	2,39	0,13	2,32	0,14
P-Pa	8,44	0,00	2,90	0,10
P-MS	3,86	0,05	9,71	0,00
P-SO	4,46	0,04	6,28	0,02
P-Ot	10,56	0,00	7,67	0,01
E-M	2,38	0,13	0,53	0,47
E-Pa	10,44	0,00	0,75	0,39
E-MS	4,24	0,04	17,91	0,00
E-SO	4,17	0,04	24,77	0,00
E-Ot	2,04	0,16	11,98	0,00

Nota: Mod. de Si Próp. – Modelo de si Próprio. P – Preocupação. E – Evitação. M – Mãe. Pa – Pai. MS – Melhor amigo do mesmo sexo. SO – Parceiro romântico ou melhor amigo do sexo oposto. Ot – Outra pessoa próxima.

O mesmo procedimento foi aplicado à amostra de duas ocasiões. Aqui, de novo, os resultados foram bastante discrepantes. O efeito do modelo de si próprio não era significativo, $F(10, 28) = 0,74$, $p = 0,68$, enquanto que o do modelo do outro era, $F(10, 28) = 4,73$, $p = 0,001$. A interação era, de novo, não significativa, $F(10, 28) = 0,64$, $p = 0,77$. O padrão geral indicado pelos efeitos univariados significativos é muito mais claro neste caso: foram encontrados efeitos significativos para todas as variáveis, tanto da *Preocupação* como da *Evitação*, que se referiam aos pares (incluindo a quinta pessoa) e nenhum para os pais.

Discussão

De acordo com os dados recolhidos para este estudo, a resposta para a questão fundamental que se propôs examinar e que foi formulada no título é “as duas coisas”. As principais conclusões que se podem extrair da análise de generalizabilidade são de que a *Preocupação* é uma característica pessoal que se manifesta em diferentes relações, enquanto que a *vincu-*

lação evitante é um fenómeno específico das relações. Ao mesmo tempo, no entanto, os resultados mostram que estas conclusões não podem ser tomadas como absolutas. A *Preocupação* continua a variar, em certa medida, de uma relação para outra, embora esta variação seja muito menor do que a que é devida ao indivíduo. O inverso é verdadeiro para a *Evitação*, que mostra algum grau de consistência em diferentes relações, embora esta seja menor quando comparada com a variância específica de cada relação. Estes resultados surgem em conjunto com outros que mostram que as avaliações da vinculação específica nas relações apresentam suficiente consistência interna e estabilidade temporal, com uma ressalva a discutir mais adiante. Finalmente, as correlações entre as medidas genéricas e específicas das relações mostram que as relações entre os constructos aos dois níveis estão longe de ser claras, forneceram resultados inconsistentes e necessitam de investigação continuada. Em qualquer caso, os resultados são compatíveis com a perspectiva de que a dimensão de *Preocupação* está relacionada com a representação de si próprio, pelo que se manifesta de forma consistente em diferentes relações, enquanto que a dimensão de *Evitação* se relaciona com a representação dos outros e, portanto, tende a ser muito mais influenciada por indícios contextuais acerca da disposição dos parceiros (Griffin e Bartholomew, 1994).

No seu conjunto, estas conclusões apresentam a importante implicação de que a atenção dos investigadores deverá ser dirigida para os fenómenos específicos das relações. Em primeiro lugar, e apesar de os presentes resultados estarem de acordo com os de uma série de outros estudos que encontraram apenas fracas relações entre os estilos de vinculação em diferentes relações (Cook, 2000; Mayseless, Sharabany e Sagi, 1997), a dimensão relativamente pequena da amostra e a mudança de paradigma exigida por estes dados tornam a replicação, de preferência num contexto social e cultural diferente, uma necessidade absoluta. Em segundo lugar, a necessidade real desta mudança de paradigma tem de ser avaliada verificando se as medidas ao nível das relações melhoram a nossa capacidade de prever e compreender os fenómenos relevantes, quando comparado com aquilo que se consegue com constructos e medidas ao nível individual (Pierce e Lydon, 2001).

A natureza desta mudança de paradigma, entretanto, necessita de ser clarificada. De facto, na sua natureza fundamental, este paradigma não é novo e os seus antecedentes podem ser encontrados em muitos apelos a uma maior atenção à complexidade dos processos psicológicos e à necessidade de uma abordagem sistémica e interactiva da personalidade (e.g., Magnusson, 1999). Mais directamente relevantes para as questões levantadas neste estudo são os apelos a que se ultrapasse, no campo do estudo das relações pessoais, o peso excessivo actualmente dado ao indivíduo, enquanto nível de análise, e se dê maior atenção aos fenómenos especifica-

mente relacionais (Duck, 1990). As razões para o reduzido impacto destes apelos, mesmo quando provenientes de autoridades altamente respeitadas, têm de ser tidas em conta, de modo a que possam ser encontradas estratégias eficazes para ultrapassar os actuais bloqueios. A não ser assim, este campo de estudos estará condenado a continuar apenas a ouvir interessantes apelos e a lamentar periodicamente que eles não tenham impacto na prática da investigação.

Na minha perspectiva, o primeiro grande obstáculo à implementação destas recomendações é a percepção (realista) por parte dos investigadores de que a análise de fenómenos ao nível relacional implica o uso de ferramentas metodológicas e de análise de dados diferentes daquelas em que foram formados. O segundo grande obstáculo resulta da (desejável) natureza cumulativa da investigação científica, em que os estudos e as teorias se apoiam nos estudos e teorias precedentes. Uma vez que os anteriores estudos e teorias têm pressuposto o nível individual de análise, os novos estudos e teorias tendem, por uma natural inércia, a seguir o mesmo caminho. O terceiro grande obstáculo está provavelmente na origem do problema, desde o início, e tem a ver com a tendência, típica da cultura ocidental, de encarar o indivíduo como unidade fundamental, internamente coerente, autónoma e claramente delimitada, em contraste com as culturas orientais, por exemplo, que muito mais facilmente reconhecem a influência do contexto, as fronteiras pouco nítidas do *self* e a presença de grandes inconsistências e variações no comportamento individual (Cross e Markus, 1999).

Este diagnóstico conduz-nos a um conjunto de recomendações capazes de ajudar no necessário processo de mudança. Em primeiro lugar, é necessário mais investimento no desenvolvimento de ferramentas metodológicas e de análise de dados que permitam o estudo de fenómenos especificamente relacionais. Algumas dessas ferramentas já existem (e.g., Bryk e Raudenbusch, 1992; Gonzalez e Griffin, 1997; Kenny, 1988, 1996; Kiers e Van Mechelen, 2001; Shavelson e Webb, 1991), mas é essencial encorajar os colegas mais voltados para estas áreas no sentido de desenvolverem ainda outras mais, que aquelas que já existem sejam divulgadas dentro da comunidade dos investigadores e que o seu uso seja encorajado. Os editoriais nas revistas científicas e as próprias políticas de selecção dos manuscritos em revistas científicas, bem como nos congressos, nacionais ou internacionais, a inclusão de conteúdos relacionados com estas questões em revistas e livros, os seminários de formação e a componente curricular dos cursos de pós-graduação constituem ferramentas essenciais para a promoção desta mudança.

Uma dificuldade adicional, porém, parece-me resultar de uma sobrestimação do grau de rotura paradigmática aqui implicado. Quanto a este aspecto, os resultados do presente estudo ganham uma particular importân-

cia, ao mostrarem que a adopção da relação como principal unidade de análise não implica o abandono do rico património teórico e metodológico que o estudo dos indivíduos nos oferece. Não é verdade apenas que os presentes resultados demonstrem que os efeitos das relações coexistem com os efeitos dos indivíduos, acontece também que a metodologia utilizada para o estudo das relações constitui um prolongamento da que é usada para estudar os indivíduos. Neste sentido, a mudança de paradigma aqui em questão não é mais do que uma extensão e um prolongamento das formas já existentes de conduzir a investigação, em vez de uma rotura radical com o património existente. O meu apelo é, na realidade, muito mais modesto do que o de outros defensores do estudo das relações enquanto relações. Gostaria de ver, por exemplo, maiores avanços em termos teóricos, quer a partir de estudos exploratórios (como os que foram utilizados para desenvolver o modelo dos Cinco Grandes factores da personalidade individual, ver John e Srivastava, 1999), quer a partir de modelos mais conceptuais, que proponham novos constructos situados ao nível relacional e, portanto, com diferentes valores para o mesmo indivíduo, em diferentes contextos relacionais. Pode ser argumentado, com razão, que esses constructos já existem, por vezes sob formas tão triviais como a satisfação com as relações (Sternberg e Hojjat, 1997), o estilo de resolução de conflitos (Rusbult, 1987), ou o grau de inclusão do outro no *self* (Aron, Aron, Tudor e Nelson, 1991). O que me parece que falta nestes conceitos, no entanto, é a articulação com o nível individual. Parece-me que, para além de saber o que é que (e como) afecta o nível de satisfação do indivíduo com uma dada relação, e de saber o que é que (e como) afecta o nível médio ou habitual de satisfação do indivíduo com as relações, seria importante compreender a forma como os dois níveis funcionam em conjunto, interagem ou se afectam mutuamente. O tipo de abordagem que utilizei neste estudo, ou qualquer outro método julgado mais conveniente, poderia ser usado no estudo, simultaneamente ao nível individual e relacional, de constructos como a auto-monitorização (*self-monitoring*, Snyder, 1979), a forma de lidar com contradições dialéticas nas relações (Baxter e Simon, 1993), o *coping* na intimidade (Pollina e Snell, 1999), o apoio social (Pierce, Sarason e Sarason, 1991), os estilos de amor (Hendrick, Hendrick e Dicke, 1998), o ciúme (Buunk e Bringle, 198), etc. Em suma, aquilo a que faço apelo aqui é a uma superação dialética da contradição entre o estudo dos indivíduos e o estudo das relações e à adopção, num maior número de estudos, de uma abordagem que considere simultaneamente os fenómenos aos dois níveis.

Para além destas implicações teóricas e estratégicas, parece-me também que a abordagem específica das relações utilizada e apoiada pelos resultados no presente estudo coloca questões específicas à investigação sobre a vinculação nos adultos. A adopção de uma perspectiva relacional

na avaliação do estilo de vinculação exige que as relações consideradas constituam efectivamente relações de vinculação, nos seus sucessivos componentes de procura de proximidade, porto seguro, protesto de separação e base segura (Hazan e Zeifman, 1994). O facto de esta exigência não ter sido assegurada constitui uma das principais limitações do presente estudo. Por isso, um maior grau de interacção entre a abordagem das diferenças individuais, na tradição de Ainsworth *et al.* (1978), e da abordagem normativa, na tradição de Bowlby (1969, 1973, 1980), constitui uma consequência natural da perspectiva *indivíduos × relações*. Outras questões relevantes seriam (a) a de saber, por exemplo, se as dimensões encontradas na análise factorial das auto-avaliações do estilo de vinculação ao nível do indivíduo são também encontradas ao nível da relação, ou se é necessário considerar outro conjunto de dimensões; (b) a análise das influências recíprocas entre as relações, tal como das que existem entre os níveis relacional e individual (Pierce e Lydon, 2001); (c) o papel relativo e específico dos factores individuais e das relações como determinantes de implicações relevantes (e.g., psicopatologia, satisfação com a vida).

Para terminar, há que fazer referência a alguns aspectos dos resultados que não puderam ser inteiramente esclarecidos no presente estudo. Um deles consiste na considerável magnitude do componente de interacção entre *Pessoas, Ocasões e Itens*. Tal como atrás mencionado, a presença deste componente significa que os respondentes tendem a endossar os itens do estilo de vinculação de forma diferente em diferentes ocasiões, independentemente do nível geral em que concordam com eles. Se a faceta das relações não tivesse sido incluída neste estudo, tal poderia muito bem ter passado por uma variação aleatória das respostas e, portanto, por simples variância de erro. Aquilo que os resultados mostram, no entanto, é que esta tendência para concordar a níveis variáveis com os diferentes itens, quando presente numa dada ocasião, se manifesta de forma consistente para todas as relações, o que afasta a possibilidade de se tratar de variância aleatória. A minha inclinação, na interpretação deste efeito, vai no sentido de o atribuir a um fenómeno de sensibilização cognitiva ou *priming* (ver Baldwin *et al.*, 1996). Supondo, por exemplo, que um dos nossos respondentes tinha sido duramente criticado por uma pessoa significativa pouco tempo antes de preencher o questionário, é plausível que esta pessoa concordasse mais fortemente com os itens referentes à preocupação de não ser aceite pelos outros significativos, e que o aumento desta preocupação fosse evidente para todas as relações, mas não afectasse outros aspectos (e.g., importância aos olhos do parceiro, possibilidade de abandono) situados dentro da mesma dimensão da vinculação.

Uma outra questão não resolvida tem a ver com as diferenças entre sexos na organização interna do estilo de vinculação, em diferentes rela-

ções, e na relação entre as medidas genéricas (ao nível individual) e ao nível das relações específicas. Os resultados para a amostra no seu conjunto são semelhantes aos do sexo feminino, mas o número de homens era demasiado pequeno para permitir qualquer análise conclusiva. Para além disso, a inconsistência nos resultados obtidos para as diferentes sub-amostras é também intrigante, esperando-se que a investigação posterior possa fazer mais luz sobre o assunto. Por outro lado, também alguns dos aspectos consistentes parecem intrigantes, como seja a aparente importância da *Evitação* na relação com o pai como preditor da *Preocupação* ao nível genérico.

Estas limitações do presente estudo terão de ser compensadas por amostras de maior dimensão em estudos futuros. O grande número de dados omissos e a especificidade cultural da amostra utilizada são outras limitações deste estudo, que deverão ser corrigidas por estudos realizados noutros contextos.

Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, *46*, 333-341.
- Aron, A., Aron, E. N., Tudor, M., & Nelson, G. (1991). Close relationships as including other in self. *Journal of Personality and Social Psychology*, *60*, 241-253.
- Baldwin, M. W., & Fehr, B. (1995). On the instability of attachment style ratings. *Personal Relationships*, *2*, 247-261.
- Baldwin, M. W., Keelan, J. P. R., Fehr, B., Enns, V., & Koh-Rangarajoo, E. (1996). Social cognitive conceptualization of attachment working models: Availability and accessibility effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, *71*, 94-109.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, *7*, 147-178.
- Bartholomew, K. (1994). Assessment of individual differences in adult attachment. *Psychological Inquiry*, *5*, 23-27.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*, 226-244.
- Baxter, L. A., & Simon, E. P. (1993). Relationship maintenance strategies and dialectical contradictions in personal relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, *10*, 225-242.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*. Vol. 1: *Attachment*. London: Hogarth Press.

- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*. Vol. 2: *Separation, anxiety and anger*. London: Hogarth Press.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Routledge.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss*. Vol. 3: *Loss, sadness and depression*. London: Hogarth Press.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Clinical applications of attachment theory*. New York: Basic Books.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult romantic attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford.
- Bryk, A. S., & Raudenbusch, S. W. (1992). *Hierarchical linear models: Applications and data analysis methods*. Newbury Park, CA: Sage.
- Buunk, B. e Bringle, R. G. (1987). Jealousy in romantic relationships. In D. Perlman e S. Duck (Eds.), *Intimate relationships: Development, dynamics, and deterioration* (pp. 123-147). Newbury Park, CA: Sage.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology* 58, 644-663.
- Cook, W. L. (2000). Understanding attachment security in family context. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 285-294.
- Cross, S. E., & Markus, H. R. (1999). The cultural constitution of personality. In L. A. Pervin e O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 378-396). New York: Guilford.
- Duck, S. (1990). Relationships as unfinished business: Out of the frying pan and into the 1990s. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 5-28.
- Erickson, M. F., Sroufe, L. A., Egeland, B. (1985). The relationship between quality of attachment and behavior problems in preschool in a high-risk sample. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50(1-2), 147-166.
- Feeney, J., & Noller, P. (1996). *Adult attachment*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Fox, N. A., Kimmerly, N. L., & Schafer, W. D. (1991). Attachment to mother/attachment to father: A meta-analysis. *Child Development*, 62, 210-225.
- Gonzalez, R., & Griffin, D. (1997). On the statistics of interdependence: Treating dyadic data with respect. In S. Duck (Ed.), *Handbook of personal relationships* (2nd ed., pp. 271-302). Chichester, England: John Wiley e Sons.
- Griffin, D., & Bartholomew, K. (1994). Models of self and other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 430-445.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22.

- Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. *Advances in Personal Relationships*, 5, 151-177.
- Hendrick, C., Hendrick, S. S., & Dicke, A. (1998). The Love Attitudes Scale: Short form. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 147-159.
- Hesse, E. (1999). The Adult Attachment Interview: Historical and current perspectives. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 395-433). New York: Guilford.
- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The Big Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 102-138). New York: Guilford.
- Kenny, D. A. (1988). The analysis of data from two-person relationships. In S. W. Duck (Ed.), *Handbook of personal relationships* (pp. 57-77). New York: Wiley.
- Kenny, D. A. (1996). Models of non-independence in dyadic research. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13, 279-294.
- Kiers, H. A. L., & Van Mechelen, I. (2001). Three-way component analysis: Principles and illustrative applications. *Psychological Methods*, 6, 84-110.
- Lewis, M., & Feiring, C. (1991). Attachment as personal characteristic or a measure of the environment. In J. L. Gewirtz & W. M. Kurtines (Eds.), *Intersections with attachment* (pp. 3-21). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Magnusson, D. (1999). Holistic interactionism: A perspective for research on personality development. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 219-247). New York: Guilford.
- Main, M., & Hesse, E. (1990). Parents' unresolved traumatic experiences are related to infant disorganized attachment status. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 161-182). Chicago: University of Chicago Press.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (1-2), 66-104.
- Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 121-160). Chicago: University of Chicago Press.
- Maysel, O., Sharabany, R., & Sagi, A. (1997). Attachment concerns of mothers as manifested in parental, spousal, and friendship relationships. *Personal Relationships*, 4, 255-269.
- Mikulincer, M., Florian, V., & Tolmacz, R. (1990). Attachment styles and fear of personal death: A case study of affect regulation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 273-280.
- Moreira, J. M., Silva, M. F., Moleiro, C., Aguiar, P., Andrez, M., Bernardes, S., & Afonso, H. (2001). *Perceived support as an offshoot of attachment style*. Manuscript submitted for publication.
- Oppenheim, D. (1997). The attachment doll-play interview for preschoolers. *International Journal of Behavioral Development*, 20, 681-697.

- Pierce, G. R., Sarason, I. G., & Sarason, B. R. (1991). General and relationship-based perceptions of social support: Are two constructs better than one? *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*, 1028-1039.
- Pierce, T., & Lydon, J. E. (2001). Global and specific relational models in the experience of social interactions. *Journal of Personality and Social Psychology*, *80*, 613-631.
- Pollina, L. K., & Snell, W. E., Jr. (1999). Coping in intimate relationships: Development of the Multidimensional Intimate Coping Questionnaire. *Journal of Social and Personal Relationships*, *16*, 133-144.
- Rusbult, C. E. (1987). Responses to dissatisfaction in close relationships: The Exit-Voice-Loyalty-Neglect model. In D. Perlman & S. Duck (Eds.), *Intimate relationships: Development, dynamics, and deterioration* (pp. 209-237). Newbury Park, CA: Sage.
- Sarason, B. R., Pierce, G. R., & Sarason, I. G. (1990). Social support: The sense of acceptance and the role of relationships. In B. R. Sarason, I. G. Sarason & G. R. Pierce (Eds.), *Social support: An interactional view* (pp. 97-128). New York: Wiley.
- Scharfe, E., & Bartholomew, K. (1994). Reliability and stability of adult attachment patterns. *Personal Relationships*, *1*, 23-43.
- Shavelson, R. J., & Webb, N. M. (1991). *Generalizability theory: A primer*. Newbury Park, CA: Sage.
- Snyder, M. (1979). Self-monitoring processes. *Advances in Experimental Social Psychology*, *12*, 85-128.
- Sternberg, R. J., & Hojjat, M. (Eds.) (1997). *Satisfaction in close relationships*. New York: Guilford.
- Weiss, R. S. (1998). A taxonomy of relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, *15*, 671-683.
- Zeifman, D., & Hazan, C. (1997). A process model of adult attachment formation. In S. Duck (Ed.), *Handbook of personal relationships* (2nd ed., pp. 179-195). Chichester, England: John Wiley e Sons.
- van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment Interview. *Psychological Bulletin*, *117*, 387-403.